

Som da Jamaica: o reggae visita a sala de aula

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Gabriel Ramalho Garrett

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

gabriel.garrett@unesp.br

Andréia Miranda de Moraes Nascimento

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

andreia.moraes@unesp.br

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência decorrente da atuação de um professor de Educação Musical nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas do município de Barueri (SP), e tem como objetivo documentar e refletir criticamente sobre o processo de aplicação em sala de aula de sua pesquisa de mestrado em andamento. Como recorte para esse relato, selecionou-se uma aula na qual foi introduzido aos alunos o gênero musical reggae utilizando o audiolivro *De Ouvidos Abertos: Exercícios de Escuta para Crianças*. Esse audiolivro foi desenvolvido ao longo da pesquisa visando promover a apreciação musical aliada ao estudo das propriedades do som e dos gêneros musicais. A aula foi aplicada em uma turma do 3º ano do ensino fundamental, sendo a segunda aula de uma série de oito. A aula selecionada combinou os referenciais teórico-metodológicos do modelo C(L)A(S)P (Swanwick) e da Abordagem Triangular (Barbosa), implementados por meio da metodologia A/r/tografia (Irwin) e pautados pela educação musical humanizadora (Joly e Targas), centrada no diálogo. Os resultados mostraram que os alunos não conheciam o reggae previamente, mas se engajaram ativamente. Ao longo da aula foram desenvolvidas atividades de apreciação musical, contextualização histórica, identificação de instrumentos e da propriedade do som altura, utilizando exemplos musicais e exercícios de escuta. Ocorreu também a performance (canto com manossolfa) por meio da música *Som da Jamaica*. O diálogo constante permitiu que os alunos relacionassem o conteúdo às suas vivências musicais pessoais, promovendo um diálogo cultural entre o reggae, os alunos e o professor.

Palavras-chave: Apreciação musical. Reggae. Audiolivro

Introdução

O presente trabalho apresenta um relato de experiência decorrente da atuação de um professor de Educação Musical nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas do município de Barueri (SP), e tem como objetivo documentar e refletir criticamente sobre o processo de aplicação em sala de aula de uma pesquisa de mestrado em andamento. Como recorte para esse relato, selecionou-se uma aula na qual foi introduzido aos alunos o gênero musical reggae, de forma integrada ao estudo das notas musicais e da propriedade do som altura.

Essa aula foi aplicada em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental, fazendo parte de uma série de oito aulas que utilizam o audiolivro *De Ouvidos Abertos: Exercícios de Escuta para Crianças*, um material didático que foi elaborado ao longo desta pesquisa. Esse material didático foi desenvolvido com o intuito de trazer experiências e vivências musicais aos alunos partindo de uma visão multicultural abarcando diferentes gêneros musicais (reggae, rock, rap e samba) e trabalhando simultaneamente as propriedades do som. Considerando a realidade de professores de música que atuam na rede pública, que muitas vezes não possuem recursos e ferramentas tecnológicas, o audiolivro propõe uma imersão em diferentes gêneros musicais utilizando apenas os sons, sendo necessário como recurso somente uma caixa de som.

Ao pensar em trabalhar o reggae em sala de aula, surgiram alguns questionamentos: *Será que as crianças conhecem algo sobre o reggae? Será que esse gênero será bem recebido em sala de aula? O que o reggae tem para oferecer à turma em questão?* Ao longo desse trabalho se tentou responder essas perguntas.

A aula “Som da Jamaica” é a segunda aula do audiolivro, foi aplicada no dia 22 de maio de 2025, sendo que a previsão para o final dessa sequência didática é em agosto do mesmo ano.

Referencial teórico-metodológico

O trabalho parte de quatro referenciais teórico-metodológicos. Primeiramente, ao se tratar de apreciação musical, a principal referência é o modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick, que se relaciona com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa no processo de elaboração e aplicação do audiolivro. A metodologia adotada nessa pesquisa é a A/r/tografia, como proposta por Rita Irwin (2023), que tem como centro a relação do Artista-ProfessorPesquisador. Essas três identidades se entrecruzam e se completam em uma grande amálgama, de modo que a pesquisa a/r/tográfica pode ser considerada uma pesquisa viva, na qual vida e pesquisa se encontram. A pesquisa é construída junto com a vida do pesquisador. Outra referência importante é a educação musical humanizadora como proposta por Ilza Zenker Leme Joly e, mais especificamente, por Joly e Targas (2009), na qual as autoras propõem a música como elemento propulsor do diálogo.

O modelo C(L)A(S)P e a Abordagem Triangular se entrecruzam, tendo como foco da pesquisa a apreciação musical, que também pode ser considerada uma “leitura de sons”. Ana Mae Barbosa desenvolveu sua Abordagem Triangular partindo de três vértices: Leitura, Contextualização e Fazer Artístico, enquanto Keith Swanwick, em seu modelo C(L)A(S)P, sistematiza três pilares da educação musical: Composição (C), Apreciação (A) e Performance (P). Dando suporte a esses pilares na formação dessa sigla, temos a letra L, que no original em inglês significa *literature studies*, podendo ser traduzido como “estudos acadêmicos”, e a letra S, que significa *skill aquisition*, e pode ser traduzida como “aquisição de habilidades” (França; Swanwick, 2002. p.17). Os estudos acadêmicos (L) correspondem à história da música e teoria musical, ou, como França e Swanwick definem, “informações sobre música”, e a “aquisição de habilidades”, a técnica de, por exemplo, como tocar um instrumento específico. O vértice Leitura na Abordagem Triangular pode ser relacionado à Apreciação, a Contextualização aos “estudos acadêmicos” e o Fazer Artístico acontece tanto na Composição quanto na Performance. Também é a partir do Fazer Artístico que é desenvolvida a “aquisição de habilidades”.

Na aula Som da Jamaica, trabalhou-se a propriedade do som altura unida aos instrumentos do reggae, como bateria, guitarra, contrabaixo, órgão e trio de sopros (trompete,

trombone e saxofone). A escuta é o centro da aula, portanto é desenvolvida a apreciação musical das crianças utilizando o modelo C(L)A(S)P, aliado à Abordagem triangular de Barbosa (2024), pensando assim na apreciação musical como uma “leitura de sons”. Para Rossi, a leitura de imagens pode ser considerada uma leitura estética, que, aliada à produção artística, possibilita “a interpretação do mundo, da vida” (Rossi, 2024, p.82). Em uma postura freiriana, a leitura da palavra é uma leitura de mundo, e com a leitura de imagens a autora propõe o mesmo, que a leitura seja uma interpretação do mundo. Tendo em mente a leitura como uma leitura estética e simultaneamente uma leitura de mundo, podemos pensar na “leitura de sons”.

A aula se inicia com outro vértice da abordagem de Barbosa (2024): a Contextualização. No primeiro capítulo dessa aula, é feita uma contextualização histórica sobre o reggae e sobre a propriedade do som altura. A Performance também é desenvolvida nessa aula. O coro dos alunos cantando as notas musicais acompanhados pela base musical do reggae, ao mesmo tempo em que fazem os gestos das notas musicais com o manossolfa, pode ser considerada uma atividade de Performance. A música *Som da Jamaica* possui uma versão instrumental para que os alunos e o professor possam cantar acompanhados pelos instrumentos gravados, isso também pode ser considerado um Fazer Artístico como proposto por Barbosa (2024).

A metodologia a ser adotada foi a A/r/tografia proposta por Irwin (2023), que consiste na união de três categorias que em inglês correspondem às três letras da palavra *art* (arte) - “A” significa *Artist* (artista), “R”, *Researcher* (pesquisador) e “T” *Teacher* (professor), unidos a *graphy* (grafia), ou seja, a escrita. Não há na A/r/tografia uma hierarquia e sim uma relação dialética entre as categorias de artista, pesquisador e professor. Cada categoria completa a outra, de modo que as categorias se encontram e se mesclam. O audiolivro foi construído no encontro entre essas três identidades. Uma das práticas conceituais da A/r/tografia (*renderings*) é o conceito de abertura. As aberturas são um tipo de metáfora. O conceito de aberturas “envolve ações de artistas que buscam frestas para algo que está se abrindo aos seus sentidos. Pode ser algo bastante literal, representativo, ou algo que acontece durante uma conversa com outros.” (Irwin, 2016, p.20). Por meio de conversas, observações e da prática artística surgem essas aberturas nas quais o a/r/tógrafo pode olhar e conhecer o

desconhecido, e se abrem novos caminhos inesperados conduzidos pela própria pesquisa. A partir da prática de composição musical relacionada ao conteúdo sobre a propriedade do som altura, considerou-se inicialmente a utilização do gênero musical chorinho. No entanto, durante os testes de composição, percebeu-se que as ideias desenvolvidas nesse gênero não estavam se adequando aos objetivos da aula. Então surgiu a abertura, a possibilidade de compor um reggae para trabalhar a propriedade do som altura, proposta que foi prontamente aceita por se mostrar mais acessível em termos de composição e produção. A composição ocorreu de forma fluida e espontânea, e, em poucos minutos, a música já estava praticamente concluída.

A educação musical humanizadora apresentada por Joly e Targas (2009), propõe que a música seja um elemento propulsor do diálogo. As autoras indagam em sua pesquisa: “É possível que pequenas canções possam se transformar em temas geradores de conversas, de espaços de interação conjunta, de formação de vínculos afetivos e humanização do cotidiano escolar?” (2009, p. 113). Foi a partir dessa indagação que estruturei as aulas do audiolivro para que existam diálogos entre alunos e professor com o intuito de relacionar o conhecimento do audiolivro com a vida dos alunos, partindo também do conceito de diálogo apresentado por Paulo Freire (1994).

Uma definição de educação musical humanizadora que contempla diversos aspectos dessa abordagem é dada por Joly e Severino:

Ou seja, uma educação musical humanizadora é aquela onde através do respeito, do diálogo e de ações colaborativas, o educador musical apresenta a seus alunos os conteúdos musicais de maneira lúdica, fazendo relação com o dia a dia; e os alunos, em contrapartida, podem se apropriar desses conhecimentos musicais para construir sua própria individualidade, por meio da relação dele com a música, com o professor e com os outros alunos (2016, p. 26).

Portanto uma educação musical humanizadora acontece quando o professor apresenta o conteúdo musical de maneira lúdica, através do respeito, do diálogo e de ações colaborativas, partindo do dia a dia dos alunos para construir a identidade desses alunos por meio das relações do aluno com a música, com o professor e com outros alunos. É esse tipo de educação que se buscou desde a criação até a aplicação do audiolivro em sala de aula.

Interações dos alunos com o audiolivro

Descreveremos brevemente as interações que os alunos tiveram com a música, com o professor e com os colegas por meio da escuta guiada do audiolivro partindo de uma educação musical humanizadora. Os alunos de maneira geral não conheciam o reggae, pelo menos de maneira consciente, não era um gênero familiar a eles. Uma aluna comentou que sua mãe costumava ouvir Bob Marley e outra aluna disse que conhecia, mas não sabia de onde ela conhecia. Logo no primeiro capítulo dessa aula do audiolivro, temos uma breve contextualização histórica sobre o reggae, partindo da proposta de Barbosa (2024) seguida de uma atividade de Performance na qual os alunos cantam as notas musicais acompanhados de piano e voz. As notas musicais são cantadas três vezes, na primeira vez só ouvimos, na segunda fazemos o manossolfa e na terceira cantamos e fazemos o manossolfa. Os alunos perguntam de quem é a voz que está cantando as notas musicais, já que até aquele momento todas as vozes do audiolivro eram a voz do autor. Explico que aquela voz era de um amigo que tinha gravado as vozes do audiolivro. Quando perguntados se conheciam algum cantor de reggae, um aluno responde: “Michael Jackson”, explico que Michael Jackson não cantava reggae e sim pop. Canto trechos das músicas “No Woman no Cry” de Bob Marley e “Vamos Fugir” de Gilberto Gil.

Em seguida ouvimos exemplos de instrumentos musicais do reggae tocando sons graves e agudos. Enquanto ouvíamos alguns alunos faziam gestos imitando alguém tocando guitarra, por exemplo. Após a audição, pergunto quais dos instrumentos que ouvimos eles conheciam, ao que respondem “guitarra, bateria e trompete”, um aluno complementa “o trompete parece uma buzina”. Pergunto se havia entre os instrumentos que ouvimos algum que eles não conheciam, ao que respondem “contrabaixo”. Explico para eles que o contrabaixo elétrico é parecido com uma guitarra, porém com som mais grave e que só tem 4 cordas geralmente. A próxima pergunta feita aos alunos é se eles conhecem alguém que toca algum dos instrumentos que ouvimos, ao que eles respondem: “meu pai toca guitarra”, “meu amigo toca bateria” e “tenho um tio que tem um baixo e uma guitarra”. Em seguida fazemos um exercício de escuta. Ouvimos seis trechos musicais com os instrumentos do reggae e os alunos respondem no caderno se o som era grave ou agudo. A maioria da sala acertou todos os

exercícios, vale ressaltar que a propriedade do som altura e as notas musicais já haviam sido trabalhadas previamente com essa turma.

Então para finalizar ouvimos a música *Som da Jamaica*, que possui dois momentos: no primeiro momento são trabalhados os sons graves e agudos, e no segundo momento são trabalhadas as notas musicais. A música se utiliza de metalinguagem, como podemos ver no trecho abaixo:

Se liga nesse som que vem da Jamaica

Se liga nesse som que vem da Jamaica

Pra te ensinar o grave

E o agudo

A metalinguagem é utilizada da seguinte maneira: ao falar de sons graves a melodia repousa em uma nota grave e ao falar de sons agudos ela repousa em uma nota aguda. O trio de sopros segue o mesmo padrão da voz. Para reforçar a noção de grave e agudo peço aos alunos que façam gestos, quando a música está no som grave eles abaixam a mão e quando está em um som agudo eles levantam a mão.

O segundo momento é o canto das notas musicais, agora com o acompanhamento instrumental da banda de reggae. Fazemos da mesma maneira que havíamos feito anteriormente. Na primeira vez ouvimos as notas musicais, na segunda fazemos o manossolfa e na terceira fazemos o manossolfa e cantamos.

Ao final da música é perguntado aos alunos se aquela música lembrava alguma outra música que conheciam. Uma aluna responde com a música “Da maré” de Ricardo Breim e Luiz Tatit, que havia sido anteriormente trabalhada com a turma em uma versão em estilo reggae, tocada ao violão e cantada com os alunos.

Ao longo dessa aula o elemento central foi o diálogo. Procuramos sempre incentivar os alunos a relacionar os conteúdos da aula com suas vidas, apresentando um gênero musical desconhecido para os alunos, que possui a riqueza da cultura jamaicana e se espalhou por todo o mundo. Os instrumentos utilizados no reggae são bem conhecidos de modo geral o que gerou uma conexão entre os alunos e a cultura do reggae por meio desses instrumentos, como a guitarra e a bateria e apresentando outros instrumentos, como o contrabaixo e o trio de

sopros: trompete, trombone e saxofone. O procedimento de escuta do audiolivro se pautou de modo que após a audição de cada capítulo houvesse um diálogo entre os alunos e o professor sobre o conteúdo apresentado no audiolivro, de maneira que fosse incentivada a relação dos alunos com a música com o professor e com os colegas.

Considerações finais

A pesquisa apresentada se encontra em processo de aplicação em sala de aula, e o conteúdo descrito neste artigo se refere apenas à segunda aula dessa sequência didática. Um dos principais objetivos traçados é fazer com que os alunos se relacionem com o conteúdo musical do audiolivro, de modo que haja uma ampliação do universo cultural desses alunos, criando relações com o gênero musical estudado e relacionando-o com seu dia a dia.

Nesse contexto, o diálogo se torna uma prática e um princípio para lidar com a diversidade. Isso porque o diálogo entre diversas manifestações artísticas, quando presente no cotidiano da prática escolar, pode promover a troca de experiências e a ampliação do universo cultural dos alunos. Um processo pedagógico que acolha a pluralidade de produções artísticas e estimule o diálogo e a reflexão pode promover o intercâmbio de experiências culturais (Joly; Targas, 2009, p. 114).

Creio que esse intercâmbio de experiências culturais ocorreu de forma satisfatória ao longo dessa aula, havendo uma troca de experiências e a ampliação do universo cultural da turma. Os alunos se mostraram interessados e relacionaram o conteúdo da aula com suas vivências musicais pessoais, compreendendo a manifestação artística abordada na aula e a ressignificando para que faça sentido em suas próprias vidas. Creio que o reggae tenha sido bem recebido em sala de aula, pelo caráter lúdico com que foi apresentado às crianças, sendo um meio utilizado para abordar a propriedade do som altura e as notas musicais. As crianças ficaram bastante animadas ao ouvir a música *Som da Jamaica* pelo próprio ritmo dançante que a música possui. Creio que o reggae tenha sido para as crianças uma nova descoberta, trazendo curiosidade e vontade de aprender mais sobre esse gênero, que pode ter oferecido às crianças uma vivência musical diferente e carregada de significados, contribuindo para a sociabilização em sala de aula pautada pelo diálogo e pela percepção estética desenvolvida por meio da apreciação musical.

A proposta é que as outras aulas do audiolivro possam ser desenvolvidas com essa mesma mentalidade de proporcionar o diálogo entre alunos e professor e que haja essa apropriação cultural pelos alunos dos gêneros musicais abordados. Na sequência serão trabalhados os seguintes gêneros musicais e propriedades do som: rock (timbre), rap (intensidade) e samba (duração). Após a aplicação em sala de aula, pretende-se refinar esse material didático para que o audiolivro possa ser comercializado, podendo ser utilizado por outros professores de música, sendo que o único recurso necessário para sua utilização é uma caixa de som, o que democratiza bastante o acesso a esse material didático. A proposta do audiolivro é trazer um universo musical variado e complexo por meio de diferentes gêneros e instrumentos musicais, proporcionando uma experiência de apreciação musical na qual se ouve música enquanto se canta, se desenha e se fazem gestos corporais.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Abordagem Triangular: leitura e contexto. In: BARBOSA, Ana Mae; LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de. *Artes visuais na Educação Infantil a partir da Abordagem Triangular*. São Paulo: Cortez, 2024. p.19-26.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Revista Em Pauta*. Rio de Janeiro, v.13, n.21 p.05-41, 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8526>> Acesso em: 03 jun 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia: engajamento como filosofia de pesquisa e prática profissional. *Revista Científica FAP*. Curitiba, v.14, n.1, p.10-22, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1907>> Acesso em: 5 jun 2025.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, Belidson.; IRWIN, Rita. L. *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2023. p. 117128.

JOLY, Ilza Zenker Leme; SEVERINO, Natália Búrigo. Definindo conceitos: o que é isso que chamamos de educação musical humanizadora?. In: JOLY, Ilza Zenker Leme; SEVERINO,

Natália Búrigo. *Processos educativos e práticas sociais em música: um olhar para educação humanizadora*. Pesquisas em educação musical. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 19-29.

JOLY, Ilza Zenker Leme; TARGAS, Keila de Mello. Canções, diálogos e educação: uma experiência em busca de uma prática escolar humanizadora. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 21, p. 113-123, 2009. Disponível em:

<<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/242/0>> Acesso em: 20 mai 2025.

ROSSI, Maria Helena W. Leituras de imagens na Educação Infantil. In: BARBOSA, Ana Mae; LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de. *Artes visuais na Educação Infantil a partir da Abordagem Triangular*. São Paulo: Cortez, 2024. p.81-100.